

O CONSUMO NO CINEMA DE WOODY ALLEN: SENSAÇÃO, DIFERENÇA E INVESTIMENTO EM SI EM “VOCÊ VAI CONHECER O HOMEM DOS SEUS SONHOS”

Lívia de Pádua Nóbrega¹
Raquel de Paula Ribeiro²

RESUMO

O presente artigo analisa as práticas de consumo encontradas no filme “Você vai conhecer o homem dos seus sonhos” (2010), do diretor Woody Allen, enfocando principalmente as questões ligadas ao consumo de sensações (baseado no compartilhamento de experiências); o consumo de diferenciação (a partir da perspectiva de ser o consumo um campo privilegiado de distinção social) e finalmente, o consumo como estratégia de investimento em si mesmo realizado pelo indivíduo.

Palavras-chave: Consumo; Você vai conhecer o homem dos seus sonhos; Woody Allen.

¹ Professora da Faculdade Araguaia nos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda. E-mail: jornalistalivia@yahoo.com.br

² Professora da Universidade Federal de Goiás, Uni-Anhanguera e Faculdade Araguaia. E-mail: raqueldopr@gmail.com

INTRODUÇÃO

A expressão cultura de consumo tem sido amplamente utilizada na atualidade para designar uma posição de centralidade presumidamente ocupada pelo consumo na sociedade atual. Há tempos o consumo não se restringe mais somente a satisfação de necessidades consideradas por cada um como básicas. De acordo com Canclini (1997), não estamos mais na era do consumo de subsistência, mas em um período que perpassa pela produção em série e questões monetárias, típicas das sociedades industriais capitalistas neoliberais. Correlato a isso está o consumo como uma prática sócio-cultural.

Por tudo isso, torna-se possível na atualidade utilizar o consumo como uma chave para a compreensão de aspectos culturais, sociais, históricos e econômicos das sociedades. Desta forma, de acordo com Featherstone (1995), falar em cultura de consumo equivale a afirmar que pensar o consumo e/ou suas estratégias é um modo de compreender a sociedade.

De forma análoga, o cinema como representação estabelece “um tal vínculo orgânico e ininterrupto com a ideologia do cotidiano de uma determinada época, que ela (a obra de arte) é capaz de viver nessa época” (BAKHTIN, 1999, p. 119). Em outras palavras, o cinema consiste em uma manifestação artística capaz de expressar as relações de consumo social da época a que se refere.

Baseado nessa premissa, a escolha do filme “Você vai conhecer o homem dos seus sonhos” (*You will meet a tall dark stranger*, 2010) do diretor Woody Allen se faz pertinente na medida em que permite mapear a relação dos indivíduos com aquilo que a sociedade elenca como padrão desejável de consumo em um determinado recorte temporal e espacial. O filme é contemporâneo de sua época de produção, fazendo com que os modelos de sujeitos ali representados sejam identificados pelos expectadores como pertencentes ao seu cotidiano na atualidade.

A história gira em torno de um casal de terceira idade que se separa após 40 anos de casamento por divergências na maneira de lidar com o envelhecimento. Alfie (Anthony Hopkins) e Helena (Gemma Jones) se colocam em pólos opostos no que se refere à forma de envelhecer: enquanto Helena aceita o passar dos anos com naturalidade, Alfie deseja lutar contra as conseqüências do tempo que passa. Após a separação, Helena tenta o suicídio e busca ajuda com diversos profissionais da saúde, no entanto, é na figura da cartomante Cristal Delgiorno (Pauline Collins) que encontrar refúgio para seus problemas afetivos. Incentivada pela filha Sally (Naomi Watts), Helena constrói forte ligação com a cartomante, despertando a ira do genro Roy (Josh Brolin).

O casal Sally e Roy, por sua vez, vivencia problemas financeiros e uma crise no casamento. Sally trabalha em uma galeria de arte, paga a maior parte das despesas da casa e tem na figura de seu chefe Greg (Antonio Banderas) seu objeto de desejo. Já Roy, formou-se em Medicina, porém abandonou tudo pelo sonho romântico do escritor que almeja viver de sua arte, tendo tido êxito apenas em um de seus romances publicados. Os dois recebem a ajuda constante da mãe de Sally para arcar com as contas da casa, fazendo com que, tanto Roy quanto Sally, busquem tolerar as visitas freqüentes de Helena.

Ao deixar Helena em busca de uma vida nova, Alfie se depara com um mundo que não possui espaço para ele e suas aspirações de juventude. Na tentativa de provar para si mesmo e para os outros que ainda possui o vigor da juventude, ele se envolve com Charmaine (Lucy Punch), uma garota de programa e aspirante a atriz, que vê em Alfie uma oportunidade de ascensão social e financeira.

O quadro é completado com a personagem Dia (Freida Pinto), vizinha de Sally e Roy e que se converte em musa inspiradora do escritor que a contempla da janela de seu prédio. A jovem é noiva, porém sucumbe às investidas de Roy e rompe o compromisso para ficar com ele após o seu divórcio de Sally.

O filme se passa inteiramente na cidade de Londres e possui um tom moroso que permite foco maior nas relações humanas que na ação, montagem e ritmo fílmico. A presença de um narrador onipresente e onisciente transmite a ideia de que aquelas pessoas estão sendo observadas atentamente e que suas atitudes são passíveis de julgamento à medida que se apresentam perante nossos olhos. Desta forma, os telespectadores compartilham com o narrador os segredos dos personagens e é colocado moralmente acima destes, identificando-os com as pessoas ao seu redor, mas jamais consigo mesmo.

É notória em “Você vai conhecer o homem dos seus sonhos” a forma como todos os personagens transitam em torno de suas ilusões compulsórias de consumo, fazendo com que a película se constitua no objeto perfeito para o desenvolvimento desse trabalho. É possível identificar no filme diversas modalidades de consumo: o consumo de bens; o consumo como investimento do indivíduo em si mesmo; o consumo como modo de distinção social; e o consumo de sensações como algumas das vertentes encontradas e destrinchadas no tópico seguinte.

A sensação do consumo e o consumo de sensações

A sociedade atual passa cada vez mais por um processo de transição do consumo de bens visando seus fins utilitários para o consumo de signos e representações. É o que Slater (2002) chamou de processo de desmaterialização da economia. Isso significa dizer que, ao consumir um produto, o indivíduo não somente está adquirindo uma mercadoria, mas também modos de ser e estar no mundo, modelos de sujeito e estilos de vida.

Featherstone recorre a Baudrillard para explicar que o movimento em direção à produção em massa resultou na maior importância da mercadoria como um signo em detrimento de sua condição de produto apenas. Nessa lógica, o consumo de signos muitas vezes se sobrepõe ao consumo de produtos, encontrando terreno fértil na rápida troca de informações e no processo de globalização vivenciado pela sociedade atual.

A castração constante do indivíduo em relação aos produtos consumidos e objetos de desejo massivo faz com que haja sempre um objetivo a ser alcançado em ordem de manter o status conquistado com as últimas aquisições, seja de produtos, experiências ou serviços. Esse processo é exatamente o propulsor capitalista que leva as pessoas a consumirem por meio da publicidade, o ontem se torna obsoleto rapidamente e o novo é ainda inatingível, fechando o processo cíclico no momento em que o indivíduo busca manter a novidade em suas mãos. Na busca pelo gozo da compra, da aquisição, o indivíduo se vê constantemente estimulado e jamais satisfeito, movimentando um ciclo de desejo, compra e descartabilidade.

Tal ciclo não se mantém sozinho, mas somente é possível por estar inserido em uma lógica maior de um sistema que se desenvolveu ao longo de oito séculos – no que Hobsbawm (s/d) chamou de capitalismo feudal ou pré-capitalismo – e que culminou com a Revolução Industrial. A lógica cultural correlata a este sistema pode ser definida no que Bauman (2004) chamou de liquidez dos novos tempos, uma era em que os valores tradicionais vão se tornando fluidos, prontos a se desintegrarem a qualquer momento, dando lugar a princípios cada vez menos sólidos e adequados aos imperativos de movimento de uma época em que a mudança é a ordem.

Essa discussão foi desenvolvida por Adorno e posteriormente reelaborada por Guy Debord nos termos de “Valor de Uso x Valor de Troca”. O espetáculo busca com eficiência provocar o prazer e a desculpabilização do consumo, modificando a ordem da utilidade dos produtos culturais para a vida cotidiana humana e trazendo à tona o gozo e o divertimento. Seguindo a lógica do pensamento adorniano, os indivíduos não mais consomem guiados pela

necessidade, mas pelo valor agregado àquilo que consomem e pelo prazer de possuir, seja informação, objetos, imagens, entre outros:

Da sociedade do consumo [...] passamos à cultura do consumo (Featherston, 1982, 1990), que vai se difundindo na vida cotidiana e que transformou a ordem simbólica, em parte prescindindo e em parte condicionando a expansão das mercadorias a serem vendidas no mercado. A cultura do consumo busca o empenho em transformar o eu e o próprio estilo de vida, enriquecendo agradavelmente o âmbito privado (CANEVACCI, 2001, p. 154).

O Valor de Uso e o Valor de Troca, portanto, passam a exercer novas funções na vida do indivíduo e trazem, além do prazer do consumo, aquilo que os faz se transformarem em representações de si mesmos: o status. O que importa para os indivíduos não está mais presente no que eles são, mas no que eles parecem ser perante os outros. O sujeito anda em cenários preparados para suas atuações como personagens de si mesmos, na busca por aceitação, admiração e apaziguamento da angústia de se ver tão distante dos padrões vigentes no âmbito social.

No caso do filme em questão, é possível visualizar tal dilema na personagem Charmaine, quando esta exige de Alfie um apartamento maior e melhor após o casamento. Após algum tempo, ela passa a sentir que o apartamento já não lhe satisfaz, reclama do silêncio da residência e que não se sente bem ali, obrigando-o a pensar na possibilidade de uma nova mudança.

Da mesma forma, uma cena do filme mostra o casal retornando das compras, Charmaine aparece com várias sacolas e um casaco de peles. Em seguida, a personagem comenta sobre uma pulseira que vista na joalheria Cartier, cobrando o adereço de presente do marido e alegando que não poderia viver sem o mesmo.

Ao dizer que não poderia viver sem a pulseira, Charmaine coloca o objeto na categoria de uma necessidade básica de sobrevivência, quando na verdade, a jóia não se configura como tal, mas como um símbolo de ostentação. É paradoxal que, quando ainda era uma garota de programa, jóias e outros acessórios nem sequer poderiam fazer parte do cotidiano da personagem. Quando ela ascende socialmente, entretanto, a jóia passa a ser considerada crucial. O que Charmaine coloca como uma necessidade básica não é a jóia em si, mas o status que esta é capaz de lhe conferir. A passagem demonstra que, as aspirações da personagem crescem à medida que cresce também o seu poder aquisitivo.

A noção de necessidade básica constitui-se em um conceito controverso e largamente discutido. Para Slater (2002), os indivíduos têm necessidades básicas que assumem formas culturais diferentes em sociedades igualmente diferentes. Toda e qualquer necessidade básica

faz parte de um construto cultural e histórico, tornando-se praticamente impossível identificar algo que possa ser inteiramente reduzido a um aspecto pré-cultural. O conceito de necessidade básica não é trabalhado aqui, portanto, com uma noção essencialista que o vincule a uma natureza ontológica comum a todo e qualquer ser humano, mas sim como um conceito produzido conforme cada povo, tempo, espaço e suas práticas culturais.

Um exemplo nítido disso é que, para Charmaine, uma mulher jovem que vive no mundo ocidental do século XXI, uma pulseira Cartier é o símbolo máximo de riqueza e status. Enquanto que, em países como a Mauritânia, na África Ocidental, uma jóia não teria tanto valor social quanto o fato de uma mulher estar acima do peso, já que isso significa que, além de poder alimentar-se com fartura, essa mulher não necessita trabalhar, sendo sustentada pelo marido e levando uma vida de ócio. Tais fatores adquirem valor dentro do contexto de um continente que enfrenta o problema da fome e no qual grande parte da população – inclusive crianças – vive da exploração de sua força de trabalho pelas multinacionais.

Isso mostra que, mais que desejar a jóia, o que Charmaine quer é se diferenciar de sua antiga condição de garota de programa. O valor da jóia, no caso, é mais simbólico que funcional. Retomando a Slater (2002), o filme demonstra que, a cultura não somente influencia o consumo ou dá formas específicas a uma necessidade básica, mas também constitui culturalmente as necessidades, os objetos e as práticas de que se compõem o consumo.

Ao requerer a pulseira em prol da distinção para com sua antiga vida e a identificação com uma vida nova, Charmaine permite voltar à atenção para os aspectos simbólicos das mercadorias. O que está em jogo não é a satisfação de necessidades, mas a ideia de que o que confere valor a um item é também a sua escassez, capaz de manter a impossibilidade do acesso de muitas pessoas a esse bem. Não banalizado nem reduzido à produção em série da escala industrial, o produto simboliza a forma como o consumo é um elemento capaz de dividir as pessoas.

O consumo é, pois o meio por excelência dos mecanismos de diferenciação, transformando-se de acordo com a categoria na qual o indivíduo gostaria de se enquadrar. Desta forma, a elite é quem propulsiona esse processo cíclico, demarcando um padrão instituído para se diferenciar das demais classes. As classes mais baixas, entretanto, na tentativa de se igualarem às elites, recorrem às falsificações. Esse movimento, por sua vez, incita a desaprovação das elites aos bens que se banalizaram, fazendo com que estas busquem cada vez mais novos artigos diferenciadores que sejam identificados apenas por aqueles que compartilham de seu status. Assim é demarcado quantas vezes se fizerem necessários os limites

da distinção social (BOURDIEU, 2007). Os indivíduos então “devem comprar, sob pena de não se reconhecerem como pessoas” (PADILHA, 2006, p. 110).

No filme de Woody Allen, um dos exemplos em que podemos identificar esse desejo de diferenciação se encontra no personagem Roy. Na busca por se diferenciar do *mainstream*, ele abandona a Medicina para tentar se enquadrar dentro do que ele acredita ser o padrão de um escritor à margem da sociedade, inspirado no mito romântico daquele que deseja viver somente de sua arte, no caso a literatura. O personagem abdica do dinheiro que poderia ganhar com a carreira de médico para mostrar que sobrevive de sua intelectualidade, passando a se libertar de vínculos empregatícios, quaisquer que sejam para ser sustentado pela esposa.

Ao desistir da Medicina e não obter sucesso como escritor, Roy abdica do estereótipo construído de homem provedor da casa em prol de um crescimento intelectual que nunca veio. Ao passar os dias na condição de consumidor falho, para usar uma expressão de Bauman (2008), Roy segue o padrão que acredita ser o adequado a um escritor e intelectual, vivendo à margem da sociedade de consumo e olhando com desconfiança para o sistema capitalista. Após um único romance de sucesso e vários fracassos, ele descobre que essa posição de *outsider* não lhe serve mais e ironicamente, volta a ser um consumidor regular no momento em que deixa de lado os escrúpulos e pensando no sucesso rouba o romance do amigo que acreditava estar morto, além de iniciar um flerte com sua vizinha mesmo estando ainda casado com Sally.

Bauman (2008) utiliza o termo cultura consumista para explicar que esta interpela os membros que nela se inserem para que estes estejam constantemente consumindo, em um intenso e eterno movimento em direção ao descarte de bens para a aquisição de novos objetos. Aqueles que não aderem a tal ideal de vida são socialmente estigmatizados e excluídos, sendo obrigados a lidar com as conseqüências de suas escolhas, como a discriminação social. Consumir é então “a única escolha aprovada de maneira incondicional” (p. 71).

No desejo de conquistar Dia, Roy é obrigado a se enquadrar na ordem de consumo estabelecida. A partir desse momento, o personagem passa a se produzir mais para os encontros com Dia, a freqüentar lugares badalados como bares e restaurantes e adotar clichês românticos como comportamento padrão, como por exemplo, comprar flores.

Além de se enquadrar nos padrões de consumo, Roy busca ainda impressionar Dia com o seu aparente capital cultural, recitando poesias e romantizando os momentos em que ele a observou na janela. Apesar de promover sua reinserção no *establishment* vigente, Roy não deseja somente alcançar o status pelo status, mas sim via reconhecimento de seu capital cultural, para utilizar uma expressão de Bourdieu (2007). O sucesso da conquista da personagem Dia se

dá pela partilha de experiências agradáveis com Roy, possibilitadas pela ausência do noivo em seu cotidiano.

O consumo de experiência depende de uma pré-disposição de duas ou mais pessoas para arriscar uma situação nova. No caso do filme, Dia se sente solitária e aceita o convite de Roy para almoçar, mesmo com uma chuva forte. Esse almoço é que inicia a afetividade entre os dois. Esta cresce à medida que os encontros se tornam mais frequentes. Desde o princípio Roy deixa clara a sua atração por Dia, porém a jovem só se convence de estar atraída pelo escritor à medida que ambos passam a partilhar lembranças de bons momentos juntos.

Após a fase de excitação da conquista e o divórcio de Roy e Sally, este finalmente passa a dividir o mesmo teto com a nova namorada e não contente com o que possui, Roy almeja sempre aquilo que não tem. Ao colocar suas malas no apartamento de Dia, ele olha pela janela e passa a observar sua ex-mulher, exatamente como fazia com Dia antes da conquista. A situação ilustra a transposição das relações de mercado (em que um objeto é intensamente desejado enquanto detém a aura de inalcançável até a conquista, quando se torna banal e por consequência, passível de ser descartado) para as relações interpessoais, sobretudo afetivas (BAUMAN, 2004).

Da mesma forma, Sally vive seu próprio dilema de desejar o que não pode ter. Ao partilhar a experiência de um espetáculo de ópera com o chefe Greg, ela acredita existir esperança para um possível relacionamento entre eles. Essa suspeita, no entanto, não é concretizada, visto que o personagem buscava apenas companhia. O consumo neste caso, também estreita os laços afetivos entre os dois personagens, no entanto, cada um interpreta de forma diferente essa aproximação. Greg vê em Sally uma grande amiga e passa a confiar nela integralmente, tanto para a escolha de presentes para sua esposa, quanto para gerir seus negócios na galeria de arte, já Sally interpreta essa confiança como uma aproximação romântica por parte do chefe.

Na busca por conquistar mulheres, o personagem de Greg utiliza seu poder aquisitivo para comprar jóias para a esposa ausente e para a amante, pertencente a uma classe social mais baixa. A amante se vê lisonjeada com o presente e com o fato de acreditar estar conquistando o coração do empresário. Diferente de Charmaine, a esposa de Greg – que mantém uma posição social confortável - não vê mais os artigos de luxo como novidade e não os atribui o mesmo valor social que a amante ressalta. A situação é explicitada quando Sally acompanha seu chefe até uma joalheria para que ele compre um par de brincos para a esposa. Ele fica em dúvidas entre duas jóias, uma mais cara de brilhantes e outra de pérolas e menor valor. Acaba levando

a jóia melhor para a esposa, mas tempos depois presenteia a amante com a jóia de valor inferior, demonstrando o peso diferente que a relação com cada uma dessas mulheres ocupa em sua vida.

Alfie, Charmaine e Helena: O consumo dos extremos

A separação de Alfie e Helena como ponto central da trama remete às relações extremas de consumo. Após 40 anos de casamento, a maneira oposta dos dois personagens de lidar com o envelhecimento faz com que o rompimento da relação seja inevitável. Alfie, muito mais inserido na sociedade de consumo, nega a sua velhice e persegue uma juventude impossível. Já Helena aceita com naturalidade o processo de envelhecimento, não lutando contra ele, porém o que ela não consome em produtos, consome em sensações.

A personagem Helena busca refúgio para sua solidão nas pessoas com as quais convive. As relações extra-familiares que vivencia são todas perpassadas pelo consumo, mesmo que de modo inconsciente. Ao buscar, na figura de Cristal, uma esperança não conseguida com os médicos e psicólogos, Helena vive uma ilusão de cumplicidade com a cartomante. Ao contrário do consumidor falho de Bauman, ela converte-se na consumidora perfeita: não contesta a qualidade, a autenticidade do serviço nem o preço, o laço emocional se torna mais forte que o valor cambial cobrado pela cartomante. Helena revela-se capaz de gastar o quanto for preciso em troca das esperanças que a cartomante lhe vende.

A relação de afetividade entre Helena e a cartomante chega a um ponto máximo quando a primeira se vê melhor assistida com Cristal que com a própria filha e o genro. Ambos os relacionamentos estabelecidos por Helena são bancados pela personagem, porém somente aquele em que não existem vínculos pessoais entre as partes envolvidas atende às suas necessidades.

Esse evento culmina em um ponto crítico na relação entre Helena e Sally, uma vez que, ao confiar mais na cartomante que na filha, a personagem nega-lhe um empréstimo e se vê obrigada a lidar com a ira da mesma. Sally até então apoiava a frequência com que a mãe encontrava-se com Cristal, alegando que as ilusões que Helena consumia produziam mais efeitos que os remédios. Somente a partir do momento que Sally se vê lesada pela relação das duas mulheres é que ela resolve alertar sua mãe para o charlatanismo da cartomante, mas

descobre neste momento, as ilusões de Cristal e a confiança na mesma já se encontravam irrevogavelmente intrincadas em Helena.

A única relação de Helena que não é sustentada pela contrapartida financeira é com Johnatan, seu novo namorado. Ao perceber que o viúvo compartilhava das mesmas crenças que ela em relação às vidas passadas, os dois iniciam um relacionamento. Aqui temos o encontro de duas pessoas que vivem com medo da solidão - Helena teme os dias sem Alfie e Johnatan teme a vida sem sua finada esposa e busca em centros espirituais fazer contato com ela - e que buscam na ilusão a forma de apaziguamento mais eficaz para esse medo. Helena crê em uma felicidade que está no passado ou no presente e Johnatan crê na presença do espírito da esposa “olhando por ele”.

Em seu consumo de ilusões, Helena passa a crer, por meio de Cristal, em vidas passadas, encontrando enfim a paz de espírito. Insatisfeita com sua vida presente, ela se apega a noção de que no passado foi feliz, ainda que desse passado ela só conheça fragmentos duvidosos garantidos por Cristal. Essa memória retrospectiva é que mantém sua sanidade e a vontade de viver no presente.

Com o compartilhamento de uma crença em outras vidas, tanto Helena quanto Johnatan se desapegam de suas ilusões passadas para se apegarem um ao outro na ideia de um futuro juntos. Esse futuro, entretanto, permanece indissociável das lembranças que eles julgam ter de um passado proveniente de suas outras vidas. Johnatan “pede” à finada esposa a permissão para namorar Helena e recebe um “sim” da mesma em uma sessão espírita, quando o personagem finalmente deixa a esposa no passado para viver o presente com a nova namorada. Da mesma maneira, Helena se desfaz de sua ligação com Alfie ao não aceitá-lo de volta em sua vida, deixando seu casamento finalmente no passado e aceitando o presente. O que se segue é uma sequência onde Helena e Johnatan fantasiam juntos sobre um passado em que ela era uma princesa e ele um plebeu em outra vida.

Como dito, o relacionamento de 40 anos entre Alfie e Helena entra em crise quando o casal passa a vivenciar conflitos referentes ao modo de lidar com o envelhecimento. A princípio Alfie convence sua mulher a se exercitar e empreender esforços contra a inegável ação do tempo. As cenas que mostram o par nesse contexto são sintomáticas de uma cultura que nega o envelhecimento, invertendo as posições: lutar contra o processo natural da vida é visto como a regra, enquanto deixar-se levar sem resistências pelo correr dos anos é compreendido como desviante da norma. A aceitação tácita do envelhecimento é vista como uma atitude negativa na sociedade atual. O discurso implícito na atitude de combater os efeitos do tempo é o de que

o envelhecer invalida o indivíduo. A solução escapista da ideia de que o idoso não possui vida e interesses é travar um embate contra o passar do tempo e suas consequências.

Woody Allen possibilita o despertar de uma visão crítica para esse dilema aos expectadores menos desavisados. Enquanto a personagem Helena aceita a chegada da maturidade sem resistências, compreendendo esta como um processo natural do correr da vida, Alfie diz não estar preparado para envelhecer.

Em uma sociedade na qual Bauman (2008, p. 75) explana que a “invalidez social” seguida de exclusão é vista como resultado das falhas individuais do sujeito - a ideia embutida aí é a de que cada um é culpado pelo próprio fracasso - consumir torna-se um passaporte para lutar contra o isolamento e a invisibilidade social:

Consumir, portanto, significa investir na afiliação social de si próprio, o que, numa sociedade de consumidores, traduz-se em ‘vendabilidade’: obter qualidades para as quais já existe uma demanda de mercado, ou reciclar as que já se possui, transformando-as em mercadorias para as quais a demanda pode continuar sendo criada (BAUMAN, 2008, p. 75).

Sob essa lógica, na tentativa de tornar-se “mais vendável”, ou seja, mais atraente para estar integrado à sociedade, Alfie se muda após o divórcio para um apartamento novo, “de solteiro”, clareia os dentes, torna-se adepto do bronzamento artificial e freqüentador assíduo da academia de ginástica. Ele consome não apenas produtos e serviços, mas um estilo de vida jovem, a ilusão de uma juventude passível de ser adquirida. A partir de então, o consumo do personagem passa a ser traduzido como a negação daquilo que na verdade é para a afirmação daquilo que deseja ser. Alfie nega sua velhice, mais até do que se afirmando como jovem. Desta forma, as mudanças que o personagem realiza em sua vida são relativamente pequenas, na busca pela diferenciação em relação à outros idosos e não na semelhança com outros jovens. Exemplo disso é que Alfie não se submete a uma plástica facial para parecer mais jovem, mas clareia os dentes para que estes não pareçam velhos e desgastados.

O discurso da medicalização da velhice como uma das estratégias pelas quais a sociedade atual confere uma visão negativa ao envelhecimento prossegue quando é mostrado que, para relacionar-se sexualmente com Charmaine, Alfie necessita de recorrer ao Viagra. A cena em que ele pede a Charmaine que espere três minutos para que a pílula faça efeito para irem para a cama denota o descompasso de Alfie para com o ideal de juventude que deseja seguir. Apesar de querer manter-se jovem, ele precisa recorrer aos medicamentos para sustentar a identidade que criou para si.

Esse descompasso entre a condição real de Alfie *versus* a condição de juventude que tenta anunciar é mostrada ainda no início do filme, quando ele passa a sair para lugares badalados com bares e para isso procura a companhia de pessoas mais jovens: os colegas de trabalho. Há duas ideias envolvidas nas situações acima citadas.

A primeira delas é a noção de que as pessoas devem estar sempre em movimento para acompanhar o ritmo dito frenético da atualidade; os idosos devem sair, estar em contato constante com várias pessoas e não podem deixar de se relacionar sexualmente. Paradoxalmente, quando se relacionam sexualmente essa prática é vista de forma debochada, como quando Alfie conhece Charmaine. Um amigo indica a moça para Alfie. Esta chega ao apartamento para um programa, mas Alfie não sabe ao certo como proceder na situação e protagoniza uma cena em que sua sexualidade alvo de chacota.

O próprio Alfie percebe sua dificuldade de adequação ao ideal de juventude que comprou para si, assim como percebe também que as outras pessoas incluídas no ideal de pertença almejado por ele também não o vêem como alguém pertencente ao grupo. No início do filme, em uma cena em um bar com colegas de trabalho mais jovens, fica visível o desconforto de Alfie que não sabe como se portar na nova identidade construída.

Posteriormente, isso se torna ainda mais nítido quando ele, já casado, vai à boate com Charmaine. Antes de ir a um concerto com o marido, Charmaine reclama por sempre ir aos locais que ele aprecia, mas que Alfie nunca vai aos lugares que ela gosta. Alfie tenta agradar a esposa acompanhando-a a boate. Sentados em uma mesa em meio às luzes fortes e a música alta, Alfie se sente deslocado e sem lugar. Charmaine pede para dançar com outro homem e Alfie permanece sozinho na mesa tomando seu drinque enquanto sua esposa dança sensualmente com um parceiro mais jovem.

A inadequação à pertença não é percebida somente por Alfie, mas também pelos indivíduos que dividem a pertença almejada por ele. Na academia em que ele malha com Charmaine, um grupo composto por três homens mais jovens comenta maliciosamente sobre a união do casal, insinuando que Alfie deveria ter muito dinheiro para que Charmaine se casasse com ele e conjecturando sobre a profissão e o tipo de vida que a moça possivelmente levava antes de conhecer o marido.

Posteriormente, um dos homens desse grupo se tornará amante de Charmaine, acentuando ainda mais o fracasso do investimento de Alfie em uma identidade jovem. Como um fato incômodo, porém impossível de ser ignorado, o caso entre Charmaine e o jovem da

academia é descoberto por Alfie quando ele vê sua esposa sair de um hotel da cidade. Quando ele sai a sua procura, não mais a encontra, mas chega a tempo de ver o amante na mesma rua.

Frustrado com o ideal de juventude que buscou forjar para si, mas que a todo o momento lhe escapava diante das evidências, Alfie tenta recuperar a vida de outrora e convida Helena para ir a um restaurante que havia marcado o início do relacionamento entre ambos. O apelo de Alfie à evocação de uma lembrança já vivida busca enternecer Helena para que esta considere seu pedido de reconciliação. Mais que um local de socialização para o consumo, o restaurante convida ao consumo de sensações e experiências. A reconciliação, entretanto não acontece.

Posteriormente, Alfie vai à academia e flagra Charmaine em meio a afagos explícitos com seu amante no vestiário. Há uma breve luta corporal entre os homens e Alfie é machucado pelo jovem companheiro de sua mulher. O casal retorna para casa e Charmaine revela que está grávida. Há muito tempo Alfie já nutria o sonho de ser pai novamente, já que além de Sally, ele teve com Helena um filho que morreu e que apenas é mencionado no filme sem maiores esclarecimentos. Apesar de estar certo de que o bebê de Charmaine é do amante, Alfie resigna-se com a situação.

Se antes a jovem Charmaine representava a legitimação de Alfie como um jovem, agora ela passa a representar o ápice do fracasso obtido por ele ao investir em uma identidade que não consegue sustentar. Desta forma, o que Charmaine passa a legitimar agora é a inadequação de Alfie ao estilo de vida que tentou alimentar lançando mão do consumo como um passaporte capaz de levá-lo até o ideal de juventude.

A ironia presente na trama e imbricada na sociedade de consumo atual é a frustração sentida pelos indivíduos cotidianamente, uma vez que nem sempre é possível a adequação aos padrões estabelecidos socialmente. No caso de Alfie, a ironia é clara quando mesmo estando em busca de um ideal de juventude, ele se utiliza de artifícios que somente ele conhece para alcançá-lo. Ao tentar ser aquilo que não é e se colocar dentro do ciclo de consumo de um nicho ao qual não pertence, Alfie se vê frustrado, pois não lhe é permitido entrar no novo grupo dos mais jovens como igual nem tampouco lhe é concedida a sua antiga vida de volta. Vendo-se preso na armadilha que criou para si, Alfie se rende e finalmente permite que as coisas sigam o seu curso natural daquele momento em diante.

O filme inicia e finaliza com a máxima de Shakespeare de que “a vida é uma história de som e fúria que nada significa”, o que mostra que não há pretensão por uma busca profunda pelos significados que possam expressar o esfacelamento do ideal de vida dos personagens, mas

que a preocupação é apenas constatar a existência e solidez desse esfacelamento, um recurso comum no cinema de Woody Allen.

São vários os desencantos constatados no enredo: Sally divorciada, sem esperanças afetivas em relação a seu chefe e sem dinheiro para abrir seu próprio negócio, já que a mãe se nega a emprestar-lhe capital sob recomendações da cartomante que a própria Sally a encorajou a confiar; Roy que lança sob sua autoria o livro do amigo que pensava estar morto e é agraciado pela crítica para somente depois descobrir que o verdadeiro autor dava sinais de se recuperar do estado de coma no hospital; Dia que dispensou o noivo às vésperas do casamento para ficar com um homem de futuro incerto e que se revela um plágio de tudo o que parecia ser; Charmaine que provavelmente seguirá tendo seus casos e Alfie, que vê frustrada sua tentativa de manter-se jovem e agora como fruto dessa experiência mal sucedida se vê traído e pai de um filho de sua mulher com a amante. O último desencantamento é reservado para a cena final, que mostra Helena e Johnatan conjecturando sobre suas vidas passadas, quando o filme conclui que, às vezes, as ilusões funcionam como paliativos melhores que os remédios.

CONCLUSÃO

Na medida em que é possível observar as narrativas cinematográficas como um campo de polissemia discursiva, torna-se possível retirar de um filme uma pluralidade de significados e possibilidades de sentido, sendo as práticas de consumo um dos recortes possíveis de ser analisado em meio a tantos outros. A análise dessas práticas aqui realizada optou por focar principalmente em três vertentes do consumo: o de sensações, o da distinção social e como investimento do indivíduo em si mesmo.

O consumo de sensações foi analisado como tendo sido representado por vários personagens – como Sally e Greg; Helena e Alfie; Helena e Cristal – de modo que tal modalidade configurou-se como a partilha de experiências sob a égide do consumo em prol da evocação de lembranças vividas conjuntamente e/ou criação de lembranças por meio do despertar de sensações (a ópera no caso de Sally e Greg para criação de lembranças futuras; o restaurante para Helena e Alfie para evocação de recordações passadas; a relação comercial de Cristal com Helena revestida de cumplicidade por Helena que não vê na cartomante uma charlatã, mas sim uma amiga).

Também foi mapeado aqui o consumo como força motriz para o processo de distinção social entre os indivíduos, focalizando principalmente Charmaine - ávida por se distinguir da sua antiga condição e por se ver identificada com um novo código de consumo mais refinado –

e Roy, que ansiava ascender socialmente não apenas mediante o capital financeiro, mas sim pelo reconhecimento de seu capital cultural como escritor.

Finalmente foi analisado o consumo como investimento em si mesmo, personificado principalmente em Alfie que após o divórcio passa a investir em sua própria imagem para ser aceito e integrado na sociedade não como um homem em processo de envelhecimento, mas como um jovem.

Mais que analisar as práticas de consumo em um determinado filme, o artigo buscou retratar as coordenadas de uma sociedade em certo contexto histórico, social e cultural dentro de um recorte temporal e espacial, na medida em que o cinema permite interpretações da realidade e com isso fornece meios de observação das relações sócio-culturais refletidas da sociedade para a trama.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **BAKHTIN, M. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** 4. ed. São Paulo/Brasília: Hucitec Editora/UNB, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** Porto Alegre, RS; São Paulo: Zouk: Edusp, 2007.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da Comunicação Visual.** Tradução: Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HOBBSBAWN, Eric. **As origens da Revolução Industrial.** São Paulo: Global, s/d.
- PADILHA, Valquíria. **Shopping Center: a catedral das mercadorias.** São Paulo: Boitempo, 2006.
- SLATER, Don. **Cultura de consumo e modernidade.** São Paulo: Nobel, 2002.

Recebido em 15 de abril de 2015.

Aprovado em 24 de abril de 2015.